

Um rio... Nilo, um deus... Hapi, uma deusa... Anuket e um festival

Maura Regina Petruski¹

Submetido em 06/2016

Aceito em 09/2016

RESUMO:

O presente trabalho enfoca alguns elementos da religiosidade egípcia, mostrando a apropriação simbólica de elementos da natureza que foram elevados a condição de sagrados. A diretriz parte do rio Nilo e seu processo das cheias, sendo que esse rio nutriu o comportamento social e imaginário dos integrantes dessa sociedade, transportado-o para a perspectiva religiosa. Outro encaminhamento apresentado no texto em questão, ligado diretamente ao rio, é a deusa Anuket que compunha o panteão egípcio como responsável pelas cheias a qual lhe foi destinado um festival anual para celebrá-la.

Palavras-chave: festividade – deuses – rio – religiosidade

ABSTRACT:

This paper focuses on some elements of Egyptian religion showing the symbolic appropriation of elements of nature that have been raised the condition of sacred. The guideline of the Nile and its process of flooding, and this river has nourished social behavior and minds of the members of that society, carried it to the religious perspective. Another routing presented in the text question, directly on the river is the Anuket goddess who composed the Egyptian pantheon as responsible for the flood which it was intended an annual festival to celebrate it.

Keywords: festival – gods - river - religiosity

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integrante do corpo docente da pós-graduação em História e do ProfHistória.

A religiosidade que se fez presente na terra dos faraós é toda repleta de símbolos os quais, modelaram crenças, estabeleceram comportamentos e padronizaram práticas religiosas que perduraram ao longo da história dessa sociedade.

Tal configuração icônica, sempre despertou a curiosidade de estudiosos e do público em geral, em distintos lugares e temporalidades, pois esses buscavam conhecer o significado dessa narrativa, coisa qual, começou a ser respondida de maneira mais efetiva a partir da primeira metade do século XIX, após o processo de deciframento da escrita ter sido realizada, pelas mãos de Jean François Champollion.

Desse modo, o arcabouço representativo dessa realidade histórica, produzida por trás de uma ordem signica passou a ser desvelada, abrindo caminho para se conhecer o *modus vivendi* desse povo no que diz respeito ao domínio de suas crenças e de suas práticas religiosas, entre outros aspectos.

Os símbolos se manifestam a partir da cultura e das condições históricas que envolvem dada sociedade, os quais estabelecem uma ordem revestida como o resultado de fatos imaginários sobrepostos a uma realidade histórica específica. Em relação aos moradores da terra dos faraós, tanto os animais quanto as plantas, como os astros e as forças da natureza, ganharam sentidos que ultrapassaram a sua função e acepção, isso porque na concepção desses indivíduos, nada do que estava ao seu redor era inanimado, pois eles acreditavam que havia uma alma em cada coisa e em cada ser, perspectiva assim expressada por Margareth M. Bakos que escreveu:

eles viam deidades em árvores e fontes, pedras e montanhas, pássaros e feras, ar e chuva, nuvens e tempestades, trovões e relâmpagos, fertilidade e nascimento, divindades que possuíam estranhos poderes dos quais eles não eram o senhor (1994, p.52).

Dentre os elementos que ascenderam a esse entendimento transcendental, se encontra à água do rio Nilo, porque esta adquiriu um significado social e galgou a ser “tão importante para os egípcios quanto o próprio faraó, pois tendo como característica principal a inundação anual, que fertilizava o desértico território africano, façanha que transformava, aos olhos dos egípcios, em um deus benéfico” (BAKOS, 1994, p.56).

Nessa medida, esse líquido passou a ser utilizado durante os rituais de limpeza espiritual que eram realizados antes de qualquer programa religioso diário, purgando não somente os sacerdotes, mas o terreno do templo, as estátuas dos deuses e os próprios frascos usados na libação, entre outras coisas, sendo que ela poderia ser

oferecida para ser bebida pelas divindades, como o reconhecimento do poder rejuvenescedor do Nilo, iniciando a purificação do interior para o exterior (POO, 2010: 4-5).

Assim, ao Nilo, todas as honras e glórias, o qual ganhou um deus como o seu protetor (Hapi), uma deusa das enchentes (Anuket), e um festival anual para homenageá-lo.

Em solo faraônico, muitas das festividades tanto de cunho local quanto nacional, intercorriam de forma sincrônica, ou seja, aconteciam em distintos lugares numa mesma temporalidade, sendo que, algumas das comemorações estavam relacionadas aos ciclos da natureza e, outras, com os trabalhos agrícolas.

E é, a partir das inscrições contidas no interior dos templos, nas estelas, estátuas, túmulos, papiros e ostracas que obtemos informações a respeito dos antigos festivais egípcios, cujos calendários festivos mais antigos conhecidos remontam ao período da quinta dinastia (2479-2311), e o mais completo e preservado é o que se encontra registrado no Templo de Milhões de Anos do faraó Ramsés III (1194-1163), em Medinet Habu.

Joaquím Barceló, quando analisou as celebrações festivas que se passaram nas sociedades do mundo antigo, escreveu que

el sentido originário de la celebración festiva exige entender la acción humana em relación directa com lo divino, porque sin la intervención de los dioses los esfuerzos humanos no pueden prosperar ni dar frutos” (1998, p.81).

Ainda, de acordo com o autor,

em la fiesta correspondiente, al hombre se le brinda la oportunidad de participar em uma obra divina, la de re-crear uma realidad y de restablecer su orden originário, haciéndole así colaborador de los dioses (1998, p.81).

Vale dizer que as comemorações em seu conjunto festivo não podem ser classificadas como homogêneas, porque poderiam durar um ou mais dias, se configurar apenas com uma procissão, ou, ainda, por meio da realização de um banquete, contando com a presença de um número mais restrito de pessoas. Além do mais, outras festividades transformavam-se em eventos de grande visibilidade tendo um número mais elevado de participantes, podendo tornar-se grandes espetáculos dado sua extensão perdurando por vários dias.

Dentre os inúmeros festivais que se realizaram na terra das pirâmides, está o oferecido à Anuket, divindade protetora das enchentes que acontecia anualmente,

quando o rio Nilo transbordava em meados do mês de julho, de acordo com o nosso calendário.

Nilo: mais que um rio

O curso de água que corre pela parte central e nordeste do continente africano, chamado a princípio pelos moradores nativos de Iteru, ou o grande rio, e posteriormente Nilo, é formado pela fusão do Nilo Azul com o Branco², o qual se tornou a ‘espinha dorsal’ dos egípcios, isso porque perpassava por toda a terra dos faraós, desembocando em forma de Delta no mar Mediterrâneo.

O desconhecimento sobre o ponto de partida do seu fluxo de água, como também o aumento considerável de sua vazão num determinado período específico do ano, levaram os egípcios a suporém inicialmente que a sua grande fonte geradora era o oceano primordial, por eles chamado de *Num*.

Contudo, tal obscuridade procurou ter sido aclarada ao longo do tempo da existência dessa sociedade, sendo que uma das tentativas ficou registrada no monolítico conhecido como a *Estela da Fome*, esculpida numa rocha localizada na ilha de Seheil, cujo relato menciona o envio do sumo sacerdote Imhotep, a mando do faraó Zoser, da terceira dinastia (2686-2573), ao interior do território para encontrar a nascente do rio, o qual não teve êxito em sua tarefa, isso porque conseguiu chegar somente até a altura da primeira catarata³, quando se deparou com uma elevada queda d’água que o impossibilitou de seguir viagem.

Em relação a essa perspectiva, Normandi Ellis apontou que,

a curiosidade sobre a nascente do Nilo deu origem a muitas lendas no mundo antigo e motivou numerosas explorações nos últimos 200 ou 300 anos. Heródoto, o historiador grego, ao escrever sobre suas viagens ao Egito em cerca de 446 aC, apresentou três possíveis causas para a cheia do Nilo. Uma lenda afirmava que o volume do Nilo aumentava conseqüentemente de um constante vento de verão que soprava as águas do rio na direção do mar. Outra sugeria que as águas vinham do oceano, que era imaginado como um rio que circundava o

² O grande rio nasce bem ao sul do país, a três graus ao sul do Equador, na região dos Grandes Lagos. Atualmente em seu curso superior, é chamado de ‘Nilo da Montanha’; porém, quando se junta com o Bahr el-Ghazel, ele é conhecido como Nilo Branco. O Nilo Azul nasce em Cartum, no Sudão (DAVIS, 2002, p.11)

³³ Ao todo temos seis afloramentos que obstruem o rio Nilo em forma de quedas d’água ao longo de sua extensão.

o mundo todo. Outra ainda declarava que a água era resultado da neve derretida na África (1999, p. 31).

Diante de tal dessaber, das incertezas e múltiplas tentativas explicativas, essa corrente perene de água converteu-se numa barreira simbólica para os seus moradores ribeirinhos, no qual foi construído ao seu entorno um mundo ordenado e acolhedor, em que fazia frente a um deserto adverso e inclemente, impondo-lhes limites.

Apesar disso, e mesmo cercados por um ermo aparentemente infinito aos olhos dos moradores da ‘terra da esfinge’, uma artéria que era fonte de vida fluía e, inegavelmente, transformava a terra árida em produtiva, visto que a sua água, além de gerar o alimento, também embelezava o espaço, com uma natureza que imperava com seus diferentes tons de verde, que se contrastava com as areias claras do deserto, e daí vem à famosa assertiva do grego Heródoto, do século V a.C, “O Egito é a dádiva do Nilo”.

Destarte, uma estrutura tecnológica foi criada como forma de aprisionar a água e distribuí-la para o interior do território, sendo encaminhada, entre outras coisas, para a manutenção dos canteiros ornamentais construídos em inúmeras residências, o que gerou a formação de vilas ajardinadas paralelas ao rio, localizadas nas principais cidades tais como Mênfis e Tebas, espaço que foi redimensionado ficando harmonicamente desenhado por meio de inúmeras fileiras de árvores, tanto frutíferas quanto ornamentais, além das muitas espécies de flores que se faziam presentes. Em relação aos jardins construídos pelos habitantes da ‘terra da esfinge’, Francisco Bueno assim escreveu:

o jardim refletia um modelo do universo egípcio, um mundo ordenado e seguro, fresco contra o clima desértico e produtos hortifrutigrangeiros para alimentar-se. Acreditavam num paraíso fechado, geométrico, protegido e muito diferenciado do meio árido hostil que os envolvia (s/d, p.2).

Diante de tantos benefícios trazidos pelo rio, nada mais do que justo na visão dos egípcios, de que lhes fosse destinado um deus do seu panteão para homenageá-lo, cabendo a Hapi tal competência. Assim, Hapi passou a ser à divindade da mitologia egípcia que personificava as águas do rio Nilo e, de acordo com a narrativa de seu mito, ela fluía da caverna de nome Qerty, que era o seu lar, e transportava o céu e a terra dos mortos antes de brotar nas montanhas e chegar em solo egípcio.

A representação iconográfica dessa potestade foi construída por uma figura masculina que usava barbas, porém possuía seios pendentes de uma mulher, elemento

esse indicativo de sua fertilidade, a barriga era protuberante simbolizando uma boa alimentação e a nutrição, em sua cintura, um cinturão dos barqueiros e pescadores se encontrava amarrado e que quando desatado, liberava a enchente do rio. A cabeça era adornada por plantas aquáticas, e nas mãos segurava uma bandeja com vários tipos de alimentos, entre os quais peixes, patos, espigas, frutas, incluindo alguns ramos de flores. Usava sandálias nos pés simbolizando a riqueza, e a sua pele poderia ser pintada com as cores azul ou verde, pois estas eram associadas à fertilidade.

Embora Hapi não fosse homenageado com a construção de templos na terra dos nilóticos, esse deus era bastante popular entre os egípcios, e quando as cheias se aproximavam ele era ainda mais reverenciado, temporada em que os moradores espalhavam estátuas da divindade nas vilas e cidades, a fim de que a população pudesse pedir assiduamente a sua intercessão, com o intuito de que uma boa enchente se fizesse presente, isso porque a **estação da cheia marcava o início de um novo ano agrícola nessa sociedade**. Ademais, nesse período, lhe eram jogadas oferendas em diferentes partes do leito rio, entre as quais Rosalie Davis cita alguns animais e bonecas, sendo que, normalmente, eram **quatro exemplares oferecidos de cada tipologia de oferta, que remetiam aos quatro pontos cardeais** (2002, p.11).

A canalização do estímulo a fim de alcançar um objetivo por intermédio da magia é uma atitude altamente compreensível no Egito antigo, haja vista que a sua realização havia sido estabelecida pelos deuses e repassada aos humanos, ou seja, uma ordem pronunciada por meio da potência de um deus criador que deveria advir através de uma força universal e sobrenatural (DAVIS, 2002, p. 372).

Assim, diante da interpretação concedida a exaltação da figura do rio, e nas palavras de Mircea Eliade “a natureza nunca é exclusivamente natural” (1992, p. 99) ou seja, a esse feixe de água foi agregado um valor simbólico e lhe atribuído um novo sentido, sendo alçado a condição de sagrado, reverenciado como algo metafísico, recebendo uma leitura mágico-religiosa em função principalmente do fenômeno das suas cheias anuais. Tal compreensão pode ser classificada como uma marca que os egípcios impuseram ao meio natural, um legado que essa sociedade deixou como elemento de sua cultura.

Vemos, portanto, a transformação do olhar concedido pelos egípcios à paisagem⁴, a qual foi ressignificada, evidenciando novas relações tecidas com o seu ambiente natural, ou seja, “a paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza, é também forma simbólica impregnada de valores” (CORREA, 2011, p.10).

Nessa dimensão, uma paisagem cultural foi modelada, a partir da relação estabelecida do homem com a natureza, resultante da influência de um sistema de crenças de um grupo, marcadas por um universo subjetivo que construiu um mundo social específico às margens do rio Nilo egípcio, a qual deixou de ser meramente geográfica e morfológica, referência essa que ficou registrada nas incontáveis fontes iconográficas e epigráficas produzidas pelas mãos de hábeis artesãos, que também foram responsáveis pela perpetuação do retrato de Anuket.

Uma entre muitas: a deusa Anuket

Na genealogia religiosa egípcia, Anuket⁵ é apresentada como filha de *Satis* (deusa das inundações do Nilo), e de *Khnum* (deus da nascente do Nilo).

Trata-se de uma divindade que também era conhecida por *Anka*, cuja derivação veio a gerar à palavra *ankh*, que tem como significado ‘Chave da Vida’, antigo símbolo feminino da Grande Deusa e da imortalidade dos deuses. Tempo depois, *Ankh* ficou renomada como ‘A Chave do Nilo’, retratando a união mística de Ísis e Osíris que provocava a inundação anual do rio.

A propósito do significado de seu nome, ele remete a "abraçar" ou “aquela que aperta”, e, de acordo com a mitologia egípcia, era por intermédio do seu abraço que ocorria durante a inundação anual do rio o processo de fertilização dos campos, quando o húmus ficava depositado às suas margens, sendo que é em decorrência desse olhar que vem a sua indicação de *Deusa Nutridora*, além de que, seus braços também eram identificados como os dois leitos do Nilo, o Branco e o Azul.

Como a representação imagética era uma perspectiva marcante no mundo egípcio, encontramos o desenho dessa deusa compondo cenas em distintos espaços,

⁴ Para saber mais sobre o assunto ver: CORREA, Dora S. **Paisagens através de outros olhares**. Revista de História Regional 20(2): 252-276, 2015.

⁵ Também pode ser identificada como ANKET, ANQET e ANUKIS.

lugares e objetos, contudo, a sua figura mais conhecida e de maior amplitude é a que se faz presente no templo que foi levantado em Abu Simbel, erguido a mando do faraó Ramsés II (1279-1213). Outra estampa que ficou materializada e que a transformava num sujeito concreto, foi gravada numa das paredes do interior do complexo templário, onde a divindade está amamentando esse mesmo faraó e, por certo, testemunha a ideia que lhe foi atribuída de uma potestade nutridora. Por outro lado, se faz necessário mencionar que tais representações e as demais contidas nessa edificação são frutos da imaginação do seu idealizador, portanto a "sua função é a de simbolizar a experiência do mundo e representar o mundo" (BELTING, 2009:33), e nada mais propício de estarem presentes numa obra de altíssima significação para os integrantes dessa sociedade.

Partindo dessa mesma lógica, se faz necessário mencionar que a construção da narrativa mitológica de Anuket é originária da parte sul do território egípcio, tendo aproximadamente o ano de 5000 a.C. como espaço temporal de sua criação, sendo que existem fortes evidências de que a inclusão dessa divindade ao panteão egípcio possa ter sido importada da Núbia, isso porque os apontamentos mais antigos que mencionam a sua existência fazem parte de fontes documentais encontradas em locais limítrofes entre o Egito e essa localidade. Além desse aspecto, a sua representação iconográfica foi construída portando vestimentas coloridas em tons vibrantes, dada a influência das roupas utilizadas pelas tribos que habitavam a região central africana. Ainda há outro ponto a considerar para justificar tal ligação, é que Anuket tem sua cabeça adornada com uma coroa de plumas de avestruz ou de juncos, semelhante a que os núbios usavam para compor sua edumentária.

Para completar a sua simbologia, porém já sem conexão com o mundo núbio, está o *ankh* que ela carrega em uma de suas mãos, assemelhando-se a uma cruz, sobre a qual há um círculo que remete a unidade sexual do masculino e do feminino que se tornou a marca da unificação da vida e do renascimento. Em outras reproduções ainda é acrescida à sua outra mão um cetro de papiro (*Cyperus papyrus*), sendo essa planta uma das mais significativas do Egito, chegando a converter-se em símbolo do baixo Egito, pois a mesma é encontrada em abundância às margens do rio Nilo.

Outra atribuição que lhe foi conferida é a de *Deusa da Fertilidade*, e a partir dessa competência ela tinha a capacidade de evocar a natureza sexual e sensual de todos os seres humanos e animais. Diante disso, quando crianças vinham ao mundo ou nasciam

filhotes de animais, ela era invocada a dar as boas-vindas para esses novos seres que habitariam a terra. Nessa perspectiva, o seu símbolo de materialidade com estes atributos era a vulva, sendo que esse objeto significante transpôs séculos pois ainda é usado em vários países como amuleto para a fertilidade, a cura, o poder mágico ou, até, no sentido de boa sorte.

Por conseguinte, como todo culto tem seu ponto de partida, o de Anuket estava localizado na parte sul do território egípcio, às terras limítrofes próximas a primeira catarata, mais especificamente em Elefantina, onde era cultuada localmente. Nesse lugar, encontramos o seu maior e mais antigo santuário, sendo que essa divindade é integrante da tríade local composta por *Khnum* e *Satet*. A formação desses agrupamentos religiosos foi uma prática comum na constituição da religiosidade egípcia, e a escolha para a sua composição ia ao encontro dos interesses dos sacerdotes locais.

Outros dois logradouros em que encontramos espaços sagrados edificadas em sua honra são Seheil e Filae. O primeiro, foi a mando do faraó Sobekhotep III (1755-1751), da décima terceira dinastia, sendo o mesmo considerado como sua morada especial, no qual ela compunha outro exemplar de tríade, só que agora juntamente com Khenmu e Sátis. O segundo, foi o faraó Amenhotep II (1428-1397), da décima oitava dinastia, que mandou ergue-lo, porém, era de menor tamanho, sendo apontado mais como uma capela.

Apesar da magnitude dos templos egípcios, que eram ricos em formas e transmitiam a imagem de poder sob blocos de pedras, eles não eram lugares de livre acesso em que majoritariamente a população poderia adentrar. Os muros altos que o margeavam já evidenciavam que os limites estabelecidos cotidianamente para a grande maioria dos indivíduos eram intransponíveis, pois somente alguns eleitos poderiam ultrapassá-los, ou, ainda, chegar mais adiante próximo do pilone.

Contudo, tal situação mudaria no(s) dia(s) festivo(s) quando o deus(a) honrado pelo templo era homenageado, isso porque, era ao redor dos muros que a população se agrupava para celebrar coletivamente o ser superior, porém dali não poderiam passar.

No caso da deusa Anuket, a laudação acontecia no período do inverno, na estação denominada de *Akhet* (inundação)⁶, no mês de *Thuthi*, no dia 25 de julho (de acordo com o nosso calendário), que era quando a cheia do Nilo começava e dava-se início a um novo ano agrícola. Inicialmente, era somente um dia de comemoração, todavia, durante o reinado do faraó Amenófis II (1391-1353), na região da Núbia ele foi estendido por mais três a quatro dias, dada a extensão devoção a divindade (ELLIS, 2003, p. 40).

Dentre os rituais vigentes durante a comemoração e com origem em Filae, está a prática das pessoas de jogarem no rio moedas, joias de ouro e outros presentes valiosos a divindade, isso era uma forma de exaltação dos dons preciosos trazidos pelo rio àquela população, principalmente pela água que lhes dava à vida e devolvia os benefícios derivados da riqueza fornecida por sua fertilidade. De acordo com Ellis, "o ouro e as joias lembravam o sacrifício de Osíris, que foi atirado no Nilo dentro de um baú adornado de joias, e seus mistérios eram celebrados depois, na estação da cheia" (2003, p. 40).

As sacerdotisas, figuras ímpares que se faziam presentes nos rituais sagrados egípcios, cantavam louvores no momento da realização das oferendas, quando recitavam o hino de Anuket assim composto:

Teus dons trazem os alimentos e bebidas
Teu dom é a criação de todas as coisas boas
Enches os armazéns
E amontoas cereais nos celeiros
Cuidas dos pobres e necessitados (ELLIS 2003, p. 40)

Normalmente, os festivais religiosos eram regados pelo consumo exacerbado de bebidas, tais como o vinho e cerveja, como também de pão, carne e frutas. Nessa ocasião, havia a liberação para o consumo de peixe, o que não acontecia no restante do ano, pois a ingestão desse animal aquático era restringida em diversas partes do território egípcio, devido ao tabu imposto fundamentado pelo mito de Osíris, pois foi um peixe que comeu o falo dessa divindade.

Durante o período do Novo Império e na ilha de Elefantina, mais uma forma de comemoração a essa divindade foi incluída, era uma procissão fluvial que transformava

⁶ O calendário egípcio estava organizado em três estações: Akhet (inundação - inverno), Peret (semeadura - primavera) e Shemu (colheita - verão).

as águas do rio Nilo em uma grande avenida, quando as barcaças se deslocavam de um ponto para outro dentro do território egípcio. A mais importante delas transportava a imagem da divindade para percorrer àquele que também era sagrado, contudo, a visibilidade da representação da deusa não era alcançada pelos olhos dos espectadores que acompanhavam o cerimonial, considerando que a mesma ficava alojada dentro de um pequeno templo em miniatura, semelhante ao seu, especialmente construído para a ocasião.

As sacerdotisas com suas cantatrizes e dançarinas davam o toque especial ao cortejo processional, ao som dos instrumentos musicais faziam com que a laudação pudesse ser ouvida em locais mais distantes, atingindo àqueles que dela não participavam.

Efetivamente, foram às procissões promovidas para fora do âmbito templário, que deu espaço ao público em geral para participar de forma mais direta no festejo, como também chegar mais próximo do faraó e também da divindade, haja vista que suas aparições públicas eram em pequena proporção, isso quando o mesmo se fizesse presente na festividade.

Essa modalidade de experiência religiosa gerava um sentimento de pertencimento de uma comunidade bem como a reafirmação de uma crença que havia sido estabelecida pelos deuses e materializada pelas mãos dos faraós e sacerdotes, muito embora se encaminhasse para o controle social.

Considerações Finais

Ao olharmos para a sociedade a sociedade egípcia que se levantou às margens do rio Nilo, um primeiro ponto que nos fica evidente é a relação que os homens que integraram esse corpo social teceram com o seu ambiente natural, a qual ultrapassou o plano físico atingindo o sobrenatural.

Nesse caso, o mundo natural atuou como elemento crucial e configuradora de uma cultura, criando e estabelecendo valores e produzindo sentidos, onde claramente se constata que a natureza pode ser marcada pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos, chegando a ser comemorada de forma festiva.

A realização das **festas pode ser categorizada como manifestações de uma ordem idealizada do mundo, bem como uma oportunidade de interagir, avançando, assim, a unidade de uma comunidade que comemora coletivamente laudando os seus deuses por meio dos seus símbolos identitários.**

No caso egípcio, nos deparamos com um panteão múltiplo e diante de uma pluralidade de possibilidades evocatórias às suas divindades, como pode ser verificada o caso de Anuket que, de uma forma ou de outra, atingia a vida dos indivíduos que viveram às margens do Nilo egípcio.

Referência Bibliográfica

BAKOS, Margareth M. **Fatos e Mitos do Egito Antigo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

BARCELÓ, Joaquim. **El Sentido Religioso de la Fiesta em el Mundo Antigo**. In: GRAMMATICO, G. et alli. (eds.). *La Fiesta como el Tiempo del Dios*. Santiago: CEC, 1998. p.77-86.

BELTING. Hans. **Antropologia de la imagen**. Buenos Aires: Katz, 2009.

BUENO, Francisco. **El jardín em el Egipto faraônico**. Disponível em

CAMPOS, M. D’Olne. **Fazer o tempo e o fazer do tempo; ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza**. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n.8, p.7-33, 1994.

COLLOT, M. **Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens**. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, v.20, n.39, p.22-31, 1990.

CORREA, Dora S. **Paisagens através de outros olhares**. *Revista de História Regional* 20(2): 252-276, 2015.

CORREA, R.L. **Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens**. *Espaço e Cultura*, UERJ, n.29, p.7-21, 2011.

DAVIS, Rosalie. Religião e Magia no Antigo Egito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELLIS, Normandi. **Deusas e Deuses egípcios: festival de luzes**. São Paulo: Madras, 2003

GRIMAL, N. **História do Egito Antigo**. Tradução Elza Marques Lisboa de Freitas. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.

JOHNSON, Paul. **História Ilustrada do Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MELLO, João Baptista Ferreira. **Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”**. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 167-174, dez. 2008. Edição Comemorativa 1993-2008. Disponível em: < <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6145/4417>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

POO, M. **Liquids in Temple Ritual**. In DIELEMAN, Jacco; WENDRICH, Willeke; FROOD, Elizabeth; BAINES, John. *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, 2010.

RISSO, Lucien C. **Abordagem Cultural nas paisagens: concepções e perspectivas atuais**. Disponível em <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/81.pdf>. Acessado em 02.03.2016.

ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SALES, J.das C. **As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egito Antigo**. Lisboa:Editorial Estampa, 1999.

SHERIF EL-SABBAN. **Calendários dos festivais Templo do Egito antigo**, Liverpool University Press, 2000.

WILKINSON, Richard H. **Symbol & Magic in Egyptian Art**. London: Thames & Hudson, 1994.